

## Não somos africanos... somos brasileiros – Povo negro, imigrantismo e identidade paulistana nos discursos da imprensa negra e da imprensa dos imigrantes (1900-1924) – dissensões e interações<sup>3</sup>

Marina Pereira de Almeida Mello

Nesse trabalho, pretendemos mostrar como as relações de convivência e de vizinhança, bem como as experiências de mobilização entre a população negra e a população imigrante, composta, sobretudo por italianos, fez da cidade de São Paulo no início do século XX um *locus* particular na construção de padrões urbanos de sociabilidade e na produção de discursos de cunho etnicizante. Por meio de fragmentos de manifestos publicados em jornais dos respectivos grupos, e obras literárias da época, discutimos as consonâncias e dissonâncias entre as propostas inter e intra-étnicas construídas por esses grupos em suas relações recíprocas e referentes às expectativas das elites do período.

Considerando que o nacionalismo brasileiro está assentado nos vetores: assimilação, eugenia e civilização, avaliamos como no discurso dos grupos negros e imigrantes esses aspectos são tratados e manipulados no sentido da criação de identidades étnicas. Por se constituírem em elos de um mesmo modelo ideológico que levou negros e imigrantes a evidenciarem em suas falas um ideal de pertencimento, muitos dos discursos por nós analisados acabaram por ratificar a hierarquização das diferenças engendrada pela ideologia dominante.

Embora a epígrafe escolhida como título do trabalho sugira uma negação da África como espaço de identidade, os escritos e relatos por nós analisados revelam que a despeito das imposições ideológicas características daquele momento histórico, houve por parte dos grupos a ressignificação de traços de seu passado próximo ou remoto o qual, revelado pela memória, irrompeu em suas palavras, atitudes e gestos, desvendando o que se achava oculto.

---

<sup>3</sup> Tese de doutoramento em Antropologia Social. São Paulo: FFLCH/USP, 2005. 264 p. il. Orientador: Prof. Dr. Carlos Moreira Henriques Serrano.

Questionamos o paradigma que credita à branquitude a exclusividade na construção do edifício da civilização ocidental, racializando conceitos e expressões culturais como o cristianismo ou o modo de vida burguês, por exemplo, que trazem em seu cerne e contradições e efeitos de uma historicidade em que as contribuições foram múltiplas.

Nesse sentido, defendemos que existem estilos de subjetividade e identificação que não correspondem a uma dicotomização das alteridades em branco e preto apenas.